

Cristo Rei do Universo

Horários da Paróquia da Nazaré

Igreja da Nazaré

De 3^a a Sábado às 19h

Domingos às 09h30

Cartório 4^a e 6^a das 17h
às 18h45

Capela do Pilar

De 2^a a Sábado às 08h 15

Domingos às 12h

Fundação Cecília Zino

3^a, 5^a, 6^a e Sábados às 18h

Domingos às 11h

Paróquia da Nazaré

Avenida Colégio Militar apartado 2909,
9001-601 Funchal

Telf: 291 775 109 Fax: 291 764 005

Email: geral@igrejanazare.com
paroco@igrejanazare.com

- No Hiper Sá de São Martinho estarão no dia **21 e 22 Novembro** (este fim-de-semana) alguns paroquianos da Igreja da Nazaré a fazer recolha para os mais desfavorecidos, sejam generosos.
- Nos dias **28 e 29 de Novembro** de 2009 (próximo fim de semana), haverá a Campanha de Recolha de alimentos para a Cáritas Diocesana, obrigado pela vossa Colaboração.

www.igrejanazare.com

26 Novembro às 18h Grupo Bíblico e 19h30 Exposição ao Santíssimo Sacramento até às 24h.

29 Novembro: Conferência sobre a “Pobreza e a Caridade”, na Paróquia do Campanário, orador: Pe Marcos Pinto

30 de Nov. à 17 de Dezembro no Centro de Saúde da Nazaré Rastreo de Retinopatia Diabética, informe-se no centro de Saúde ou na nossa recepção.

O Sacramento da Reconciliação: A Absolvição Geral

Durante séculos a única forma de celebrar o sacramento era a confissão e a absolvição individual. Actualmente, seguindo as orientações do Concílio Vaticano II, o Ritual da Penitência apresenta, além desta, outras duas formas. Cada uma realça alguns aspectos do sacramento e permite adaptar a sua celebração a circunstâncias pastorais concretas:

1ª Forma: confissão e reconciliação de um só penitente. Trata-se da forma normal de obter o perdão dos pecados graves e a reconciliação com Deus e com a Igreja (c.960). Esta exigência mantém-se mesmo quando se dá a absolvição geral, segundo as normas do Código de Direito Canónico. A confissão individual e íntegra e a absolvição constituem o único modo ordinário pelo qual o fiel, consciente de pecado grave, se reconcilia com Deus e com a Igreja; somente a impossibilidade física ou moral o escusa desta forma de confissão, podendo neste caso obter-se a reconciliação também por outros meios.

2ª Forma: realiza-se numa celebração comunitária mas a confissão e a absolvição são individuais.

3ª Forma: a reconciliação comunitária com absolvição geral. Esta terceira forma é extraordinária (**excepcional**), quer dizer, não pode ser adoptada senão “em caso de grave necessidade” regulado pelo Código de Direito Canónico (cc. 961-963). Existe uma necessidade grave quando se verificarem cumulativamente as seguintes condições: falta de sacerdotes suficientes para que, dado o número de penitentes, cada fiel possa ser ouvido dentro de tempo razoável e, sem culpa própria, seja obrigado a permanecer, durante muito tempo, privado da graça sacramental e da sagrada comunhão; não se considera, porém, existir necessidade suficiente quando não possam estar presentes confessores bastantes somente por motivo de grande afluência de penitentes, como pode suceder nalguma grande festividade ou peregrinação (c. 961§1).

Para o fiel poder usufruir validamente da absolvição concedida simultaneamente a várias pessoas, requer-se não só que esteja devidamente disposto (sincera conversão exteriormente manifestada diante da Igreja), mas que simultaneamente proponha confessar-se individualmente, no devido tempo, dos pecados graves que no momento não pôde confessar. Não podem receber validamente a absolvição os penitentes que vivam em estado habitual de pecado grave e não queiram mudar a própria situação. Mantém-se a obrigação de confessar fielmente os pecados graves, ao menos uma vez ao ano, aquele a quem forem perdoados pecados graves em absolvição geral, aproxime-se quanto antes, oferecendo-se a ocasião, da confissão individual, antes de receber nova absolvição geral, a não ser que surja causa justa. Não será só importante a validade ou invalidade, mas também, se é lícito, ou não, e se é frutuoso, ou não, para a vida dos fiéis.

Padre Marcos Gonçalves

O ANÚNCIO

Folha Paroquial

Folha n.º 101 21 a 29 de Novembro de 2009

Cristo Rei do Universo

Pai Natal em Risco

Respondeu Jesus:

«O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas lutariam para que Eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui.»

(Jo 18, 36)

Neste Anuncio:

Pai Natal em Risco	1
Cantinho da Palavra de DEUS	2
O Reino de Deus	3
Informações da Paróquia	4

Os primeiros sinais do Natal chegaram, uma vez mais, pelo comércio. Com o calor a entrar pelo Outono dentro, tardaram sons, sinais e cheiros característicos do Dezembro natalício. O mesmo não se diga da azáfama comercial, estrategicamente montada por muitos centros de consumo, com a particularidade de não contar apenas com essa simpática figura de longas barbas brancas.

Com culpas quase exclusivas, outrora, pela usurpação das festas natalícias, o Pai Natal pode mesmo ter os dias contados. São hoje novas as personagens que se lançam à conquista das emoções que a quadra gera. Não para fazer esquecer – como se fosse possível – o acontecimento central do Natal, o nascimento de Jesus Cristo. Antes com a ousadia, atrevimento mesmo, de “competir” com o Pai Natal, qual “genérico” desta época do ano.

Os dias que correm não colocam só em tensão a maior valorização do Presépio ou da árvore de Natal, do Menino Jesus ou do Pai Natal. Ganham relevância pública outras personagens, imaginadas, criadas e propostas apenas com o objectivo de induzir a comprar. E com a agressividade suficiente para atingir o imaginário de adolescentes e jovens, moldar comportamentos e criar novas necessidades.

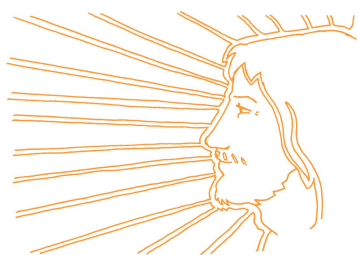
À valorização, negativa ou positiva, de tais propostas, junte-se o desafio de clarificar o acontecimento celebrado em cada Natal. Não serão precisos muitos anos para ser necessário explicar que tanto a Leopoldina como a Popota nada têm a ver com o Natal e apenas são “personagens” para campanhas de publicidade de cadeias de supermercados.

Ao relevo, preocupante, que elas ganham ao se associarem à época natalícia adicione-se a oportunidade de um desafio. O pluralismo e o relativismo em que se banham sociedades do Ocidente obrigam a que se viva em coerência de convicções, sobretudo as religiosas, celebrando-as pessoal e comunitariamente. Transmitindo também às novas gerações o que identifica os dias que correm, as razões de celebrações em família e os ciclos temporais em que se inserem.

Este ano, a iniciativa “Estandartes de Natal 2009” pode ser uma excelente oportunidade para afirmar publicamente porque se celebra o Natal. O sítio www.estandartesdenatal.org diz como: basta substituir laços, cores e luzinhas por um estandarte com a imagem d’Aquele que nasce.

Paulo Rocha (Agencia Ecclesia)

Cantinho da Palavra de DEUS



No 34º Domingo do Tempo Comum, celebramos a Solenidade de Jesus Cristo, Rei e Senhor do Universo. A Palavra de Deus que nos é proposta neste último domingo do ano litúrgico convida-nos a tomar consciência da realeza de Jesus; deixa claro, no entanto, que essa realeza não pode ser entendida à maneira dos reis deste mundo: é uma realeza que se concretiza de acordo com uma lógica própria, a lógica de Deus. O Evangelho, especialmente, explica qual é a lógica da realeza de Jesus.

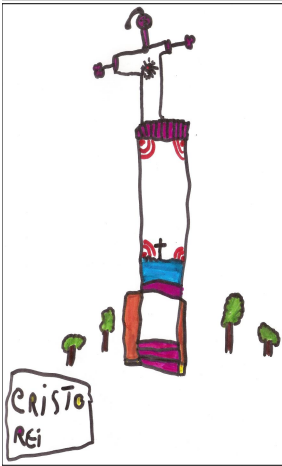
A **primeira leitura** anuncia que Deus vai intervir no mundo, a fim de eliminar a cruza, a ambição, a violência, a opressão que marcam a história dos reinos humanos. Através de um “filho de homem” que vai aparecer “sobre as nuvens”, Deus vai devolver à história a sua dimensão de “humanidade”, possibilitando que os homens sejam livres e vivam na paz e na tranquilidade. Os cristãos verão nesse “filho de homem” vitorioso um anúncio da realeza de Jesus.

Na **segunda leitura**, o autor do Livro do Apocalipse apresenta Jesus como o Senhor do Tempo e da História, o princípio e o fim de todas as coisas, o “príncipe dos reis da terra”, Aquele que há-de vir “por entre as nuvens” cheio de poder, de glória e de majestade para instaurar um reino definitivo de felicidade, de vida e de paz. É, precisamente, a interpretação cristã dessa figura de “filho de homem” de que falava a primeira leitura.

O **Evangelho** apresenta-nos, num quadro dramático, Jesus a assumir a sua condição de rei diante de Pontius Pilatus. A cena revela, contudo, que a realeza reivindicada por Jesus não assenta em esquemas de ambição, de poder, de autoridade, de violência, como acontece com os reis da terra. A missão “real” de Jesus é dar “testemunho da verdade”; e concretiza-se no amor, no serviço, no perdão, na partilha, no dom da vida.

P.
Joaquim
Garrido,
P. Manuel
Barbosa,
P. José
Ornelas
Carvalho

O Reino de Deus



Catequizando do 1.º Ano
Fundação Cecília Zino

«Minha filha bem-amada, escuta-Me. Põe constantemente à Minha disposição a tua mente e o teu coração, desejosa como estás sempre de cumprir melhor a Minha Vontade, e Eu Mesmo serei o teu guia e a tua luz. Não penses que perdes o tempo ocupando-te de Mim e dos Meus interesses, que, muito pelo contrário, esse é o tempo mais bem empregado.

“Venha a nós o Vosso Reino” pedes tu mesma no Pai-Nosso, e aquilo que tu fazes concorre justamente para a realização deste Meu desejo. Trabalhar para o Reino de Deus é sumo dever, a

maior das honras. É dever, porque o Cristão faz parte do Reino e o seu empenho deve ser o de estender e fazer conhecido esse mesmo Reino. **Eu disse-vos que o Meu Reino não é deste mundo** (Jo 18, 36). De facto, os reinos deste mundo passam, como passam as pessoas que os compõem. O Meu dura eternamente, porque se relaciona com as almas. Ele é dividido em três grandes partes, muito embora formando uma só e grande unidade. Para trabalhar na vinha do Senhor, são necessárias algumas condições, que Eu agora mesmo te vou expor: É necessária a luz que vem de Deus. (...) Tu, porém, serias uma serva inútil, se não te preocupasses com os teus semelhantes, e não desses parte dos dons da luz e dos ensinamentos que Eu te dou. Quem Me segue não pode fechar-se egoisticamente em si mesmo e não se preocupar com os outros, porque se tornaria culpado diante de Deus. Disse-vos que, Sem Mim, não podeis fazer nada. Pois bem, é a vida de graça que vos une a Mim e permite que em vós circule a Minha própria Vida. Faz-Me viver sempre em ti, aumentando esta Minha vida, até fazer-te substituir por Mim. Que os teus pensamentos sejam os Meus, que as tuas palavras sejam as Minhas. (...) Desejaria que todas as famílias fossem a Minha família, onde Eu pudesse reinar, Soberano. Onde Eu reino, reina o Amor; partilha-se a dor; existe auxílio mútuo; existe a paz e a alegria. Uma vez santificada a família, automaticamente se santifica a sociedade.» (Jesus a M. Carmela a 6 de Maio de 1968)